

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Andréia Luzia Bernardes Inocêncio

Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso

Franca/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Instituição: Etec Dr. Júlio Cardoso – Franca, SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A entrevistadora conheceu, a Empresária Corporativa Andréia Luzia Bernardes Inocêncio, na Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2000, quando ela cursava o Técnico em Administração, foi aluna exemplar, destacando-se no curso por seu empenho nos estudos, com notas excelentes e, por seu carisma, conquistando a amizade de todos, através de sua simpatia e delicadeza. Ao terminar o Técnico em Administração, cursou Administração de Empresas no Centro Universitário UNI-FACEF. Em 2010, voltou à escola como professora nos Cursos Técnicos de Gestão e Negócios, nos tornando colegas de trabalho e, uma amizade de 21 anos.

Elaboração do roteiro de pesquisa: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Empresária Corporativa: Andréia Luzia Bernardes Inocêncio

Local da Entrevista: online, pelo Zoom

Data: 08 de abril de 2021

Duração: 1 hora e 7 minutos

Número de vídeo: 01 (um)

Transcritores: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Número de páginas: 28

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores” durante a capacitação Clube de Memórias XXXVI, proposta pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre fevereiro e abril de 2021, com a entrevistada Andréia Luzia Bernardes Inocêncio. Convidei a referida empresária, por ser aluna egressa, ex-professora da Etec Dr. Júlio Cardoso, Empreendedora Corporativa e, por seu profissionalismo de excelência. Cultiva laços estreitos de amizade e de trabalho com a Unidade Escolar, oferecendo estágios aos nossos alunos, através do CIEE.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 18 de abril de 2021

Nome da transcritora: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro (MMNAM): Andréia é um prazer recebê-la aqui nessa tarde pra essa entrevista e eu gostaria que é de dizer da felicidade de tê-la nesse dia aqui. É, a minha entrevistada é a Andréia Luzia Inocêncio, ela foi, ela é ex-aluna da escola, foi aluna no Técnico em Administração, foi professora e hoje ela é Empreendedora Corporativa no CIEE. Então, Andréia você poderia nos contar sobre a sua origem familiar, social e profissão dos seus Pais?

Andréia Luzia Bernardes Inocêncio (ALBI): Claro, antes de mais nada, eu quero muito agradecer o convite aqui na pessoa da professora Maria Medianeira, a minha Mãe, tenho o prazer em chamá-la desse jeito.

MMNAM: Claro, claro!

AI: Porque tenho um carinho uma admiração enorme por ela então me sinto na liberdade de poder fazê-lo, tá bom?

MMNAM: Ah, muito obrigada!

ALBI: É, agradeço o convite não é em nome da escola aí é a Etec Dr. Júlio Cardoso, pra nós aqui, a Industrial sempre fez e faz parte da minha vida e fico muito feliz em compor aí uma parte histórica dessa Instituição que tanto fez e faz por mim, tá?

MMNAM: Sem dúvidas!

ALBI: Então, vou retomar um pouquinho aí, da sua pergunta em relação ao meu histórico, né? Bom, eu me chamo Andréia Inocêncio, tenho 41 anos, sou a filha do meio de uma

família de, é de três irmãos, né? Tenho uma irmã mais nova, um irmão mais velho, é sou filha de José Eustáquio Bernardes e de Eni Bernardes. Meus pais sempre moraram na zona rural, em Minas Gerais, numa cidade chamada São Gotardo, então toda a origem da minha família se deu na zona rural, apesar disso não é? Minha mãe é uma pessoa que é entusiasta da educação, apesar de não ter acesso, não é, ao letramento como ela queria e desejava, minha mãe fez só até a 4ª Série do Ensino Fundamental do Ensino Primário na época, em escola rural, inclusive, não é? É, ela sempre buscou, enquanto mãe, desde que ela teve seus filhos, exatamente, a educação como alicerce do desenvolvimento da nossa família e aí incentivada por ela, não é? Ela e meu pai eles vieram pra Franca no interior do Estado de São Paulo, sem conhecer ninguém da cidade, então a gente não tem família aqui no município não é, mas vieram em busca exatamente de oportunidade de educação pros filhos que eles começavam a ter, né formando a sua família. Eu fui a primeira filha nascida na cidade de Franca, meu irmão nasceu, ainda, na zona rural não é e aí eles desejavam é que os filhos que eles tinham né no caso meu irmão e eu que tava aí sendo planejada pra isso, não é? Tivessem acesso à educação e eles viram aqui essa oportunidade, né? Então, desde muito cedo apesar de meus pais não terem a educação como uma oportunidade de vida pra eles, eles desejavam ardentemente isso pros seus filhos e foi aí que a gente veio aqui pra Franca e aqui nasci, não é? É, dos filhos de, de meus pais eu fui a primeira a ter acesso ao Ensino Superior e fui a primeira dos primos, também, então eu fui a primeira pessoa da minha família mais próxima a ter acesso ao Ensino Superior, não é? Mas, isso veio depois de tudo que a gente ainda vai conversar que foi o universo que a Industrial e a Etec abriram pra mim, não é? É, incentivada por essa mesma família, muito simples, ainda, sem escolaridade é que eu vim buscar todo esse histórico, então é, o meu passado ou a minha história de vida enquanto família é a incentivo de uma leitura, de uma contação de história que naquela época a gente não falava assim, né?

MMNAM: É!

ALBI: Mas, pra minha família era os causos.

MMNAM: Aham!

ALBI: Né! A gente sentava em torno ali da mesa, e os pais e os avós contavam os causos da história da vida deles e, por detalhes muito simples, a gente percebe que isso foi um incentivo muito importante pra mim, né? Meus pais são de famílias grandes e até era o mais natural da época, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Eu tenho 8 tios por parte de mãe, 9 tios por parte de pai.

MMNAM: Ah!

ALBI: Eram famílias muito grandes, não é? Porque, lá na zona rural era assim, né? As famílias eram numerosas.

MMNAM: É verdade!

ALBI: Depois, que a gente foi diminuindo aqui. Mas, veja como detalhes importantes marcaram a minha vida, né? Entre os meus tios, um deles se chama Aristóteles o outro se chama Dante, não é? Apesar dos meus pais e avós não terem, não é? O estudo que eles desejavam, mas eles tinham muita curiosidade e foram nessas leituras de uma pessoa aí é, analfabeta ou semianalfabeta, porque meus avós não tiveram acesso à leitura como ela,

né? É, eles viam nisso e o despertar, então, eles liam livros de filosofia, olha só, meu avô pagou pelos próprios estudos depois de adulto, ele foi alfabetizado depois de adulto.

MMNAM: Que beleza!

ALBI: Né! Mas, esse despertar e essa curiosidade sempre marcaram muito a minha história de vida né e, eu acho que esse incentivo veio muito da parte deles sim, tá? Então, são pessoas muito simples, mas que tinham uma cede, né? De conhecimento e, eu acho que eles transferiram pra, pras gerações que vieram depois deles.

MMNAM: Sem dúvidas. É, você recebeu estímulo familiar para empreender?

ALBI: Quando a gente fala aí do empreendedorismo, né? E, eu acredito muito, vai muito além, do conceito às vezes que a sociedade coloca, né? De ser aquele que tem o seu próprio negócio, né? Mas é, como os meus pais trabalhavam na roça e, na época, eles tinham plantação de café. Quando eles vieram pra cidade e sem estudo, não era é, a oportunidade não se fez presente na vida deles da mesma forma que aconteceu comigo, não é?

MMNAM: Aham!

ALBI: Então, meus pais quando vieram à Franca, né? Se instalaram aqui, eles é se associaram a uma Cooperativa de Laticínios que na época, se chamava Colaba.

MMNAM: Huhum!

ALBI: Né! Era uma cooperativa de leite que existia aqui na região de Franca e, meus pais, eles entraram, exatamente, nessa cooperativa e comercializavam o leite que era produzido pelos produtores, aqui da nossa região. É muito interessante, porque fazia parte do estilo de vida deles, não é? Então, na fazenda sempre teve vaca, tirava leite, né? Era uma coisa que era é próxima da realidade deles.

MMNAM: Sim!

ALBI: Mas, eles nunca tiveram a necessidade de comercializar o que eles produziam dessa forma e, quando vieram pra Franca eles se lançaram, exatamente nisso, não é? Então, eles ainda que o empreendedorismo não fosse, naquela década, chamado dessa forma, não é? Eles empreenderam aí o próprio negócio deles, tornando aí comerciantes de leite na cidade de Franca. Então, é eu fui criada, enquanto, criança e adolescente dentro desse contexto, não é? Minha mãe em casa, ajudava o meu pai na parte de controle, né? De mercadoria que chegava desse leite, das entregas, onde seriam feitas, de que forma seria feita, no controle dos pagamentos, não é? E, enquanto meu pai, e meu irmão mais velho, faziam todo o processo de comercialização e, entrega desses leites nos comércios aqui de Franca, nas padarias, ainda na época, que leite era entregue no saquinho de plástico.

MMNAM: Aham!

ALBI: Em caixas, né? Mas é, foi dessa forma que a nossa família foi estruturada dentro desse contexto, então eu entendo que sim, né? Eles se lançaram num desafio, não é?

MMNAM: Claro!

ALBI: De ter aí seu próprio negócio e e se tornaram donos da própria história, né?

MMNAM: É verdade!

ALBI: Eles não eram funcionários de alguém, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Eles tiveram que se lançar nesse desafio.

MMNAM: É verdade! Na sua visão, quais foram as motivações e os valores que a levaram a empreender?

ALBI: Uma das coisas mais importantes e, que faz parte muito da história da minha família, né? É, e acho que faz parte muito da cultura das pessoas que moravam lá na, na roça como a minha mãe dizia, né?

MMNAM: Aham!

ALBI: É, é a religiosidade! Então, eles tinham uma cultura religiosa muito arraigada, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, nós somos é uma família, hoje, Católica Apostólica, praticante e, eles tinham muito disso na nossa vivência, né? Estimular a nossa participação nessas comunidades religiosas, frequentar, participar dos sacramentos e, esse despertar, lá atrás, pra mim foi muito importante, por que que foi importante, porque eu fui uma criança, uma adolescente que sempre participou de movimentos da igreja.

MMNAM: Sim!

ALBI: Então é, grupo de jovens, encontro de jovens, me tornei catequista, eu tinha 13 anos só, era uma adolescente e, já tava na Sala de Catequese, né?

MMNAM: Aham!

ALBI: E, por que que eu falo que esse despertar foi importante pra mim, porque ele me levou, exatamente, de encontro ao que hoje é o que mais me realiza, que são pessoas!

MMNAM: Sim!

ALBI: Eu sabia que meu propósito de vida estava ligado a pessoas, né? Ainda nessa idade, não tinha a menor ideia do que eu queria ser, eu brinco, que quando eu era criança, eu falava pra minha mãe que eu queria ser picolezeira, né? No lúdico da criança, o que que passava pela minha cabeça, né? Eu vou poder andar na rua, chupar quantos picolés eu quiser, não é?

MMNAM: Sem dúvidas!

ALBI: E, ainda, ia ter contato com várias pessoas.

MMNAM: É!

ALBI: Isso, sempre me atraiu desde mais tenra idade, não é? Então, nesse meio tempo o estímulo partiu, exatamente, desse princípio, eu queria trabalhar com alguma coisa que

envolvesse pessoas, então assim, nunca foi um propósito pra mim, trabalhar na Área de Tecnologia, né? Nada desse tipo, eu queria pessoas, pessoas me atraíram e, aí eu comecei a fazer uma, uma reflexão interna mesmo, né? De quando adolescente, todo mundo pergunta, né? Que, que se vai ser, ainda mais, principalmente, eu que era incentivada tanto pela mãe a estudar, né?

MMNAM: É!

ALBI: Que, que faculdade você vai fazer né, o grande sonho da minha mãe era ter uma filha na faculdade né?

MMNAM: Claro!

ALBI: E, aí a gente começa a descobrir que nem sempre o que a gente deseja né, na sociedade, acontece no tempo que a gente quer?

MMNAM: É!

ALBI: Nem da forma que a gente quer.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né! Mas, o nem sempre a gente que procura o propósito, muitas vezes, a gente vai de encontro ao nosso propósito de vida e, eu falo que isso aconteceu comigo, sabe? Então assim e, aí que começa a minha história de forma muito direta com, com a com a Etec, com a Industrial. É, depois de estudar e, a minha mãe sempre trabalhou muito pra que a gente tivesse acesso ao estudo, então eu sempre estudei é durante o dia, é eu nunca tive que estudar à noite, é graças ao esforço tremendo da minha mãe, que me possibilitou poder estudar e, não trabalhar até então, né? Eu só estudava, me dedicava aos estudos mas, a nossa realidade de vida não me permitia, por exemplo, sonhar em fazer uma faculdade, é porque eu não tinha como pagar a mensalidade da faculdade.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né! E, não me permitia, também, pensar em prestar uma Faculdade Federal, porque não teria como me manter em outra cidade.

MMNAM: Certo!

ALBI: Né! E, essa era uma realidade muito clara pra mim e, a gente é, minha mãe criou a gente e, aí eu falo só da minha mãe e, não do meu pai, porque os meus pais se divorciaram, eu ainda era criança, nessa faixa etária, tá?

MMNAM: Tá!

ALBI: Então, minha mãe foi mãe solo, durante muito tempo, do meu crescimento e dos meus irmãos.

MMNAM: Sei!

ALBI: E, aí eu sabia que eu não podia deixar a minha mãe aqui e, me lançar em outra cidade, por exemplo, porque ela precisava de mim aqui também.

MMNAM: Entendo!

ALBI: Né! E, que a gente tinha irmã mais nova, porque ela também tinha que trabalhar pra que a gente tivesse o sustento da casa e tudo mais. E, aí minha mãe falou uma coisa muito importante, exatamente, no dia que eu passei por ali, né? É, eu passei na porta da Industrial. Mê tá me ouvindo?

MMNAM: Estou!

ALBI: Ah, tá! Eu passei ali na porta da Industrial né, é e, pra gente que mora em Franca, principalmente naquela idade a gente passava na porta da Industrial, gente era um encanto!

MMNAM: Aham!

ALBI: Aquela escola que todo mundo queria estudar né, porque ela é imponente é uma, um prédio histórico na fachada né, então aquilo sempre atraía muito e, eu sempre estudei em escola pública né, é tinha perspectiva óbvio de continuar estudando, fiz o Ensino Médio na rede pública e aí minha mãe um dia passando conosco ali na porta, me falou, minha filha que, que cê que, né, faze de sua vida? Você sempre me falou que queria fazer alguma coisa né, estudar e tudo e aí a gente teve uma conversa naquele dia passando na porta ali da Industrial, perto da escola tem um ponto de ônibus, até hoje tem.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né! E, a gente sempre passava por ali. Falei, mãe eu não tenho como é, fazer faculdade porque a gente não tem como pagar a faculdade e, aí ela me falou e, aí que veio o despertar, mas por que que se fala em faculdade? Não tem uma coisa, olha como que é a simplicidade, não tem uma coisa chamada Curso Técnico.

MMNAM: Aham!

ALBI: Né! Ela nem sabia o que isso significava, mas ela já tinha ouvido falar e já me falavam que isso era, é quando você entra no Curso Técnico é mais fácil de conseguir trabalho.

MMNAM: Aham!

ALBI: Então, olha como a visão da minha mãe na sua simplicidade associava que os Cursos Técnicos me dariam uma entrada mais rápida pro mercado de trabalho, né?

MMNAM: Certíssimo!

ALBI: E, na simplicidade dela, ela foi assim a é eu falo que é sabedoria né?

MMNAM: É!

ALBI: Tem pessoas que são inteligentes e tem conhecimento, e tem aquelas que tem sabedoria.

MMNAM: É verdade!

ALBI: A minha mãe tem essa sabedoria e, eu admiro ela muito por isso. Então, quando ela me falou isso me veio um despertar e, isso aconteceu no mês de junho de 2000.

MMNAM: Huhum!

ALBI: E, os Vestibulinhos da Etec aconteciam, meio de ano, final de ano.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né! E, aí eu falei mãe eu acho que a senhora tem razão! Eu vou entrar e, perguntar como é que funciona, aí entrei na escola, aí a pessoa me orientou, disse como funcionava e tudo mais, veja que até então o meu único sonho de vida até então era ser picolezeira até então não tinha escolhido uma profissão né?

MMNAM: Certo!

ALBI: Daí, entrando na Industrial, tive oportunidade de conhecer todos os cursos que a Etec oferecia na época.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né! E, aí como eu sempre tive essa coisa das pessoas que eu disse agora pouco pra você, é a Gestão era uma coisa que me possibilitaria isso ter contato com outras pessoas né, e aí me lembro que na época que eu tentei é o Vestibulinho, gente era uma coisa assim, era a concorrência, eu tenho anotado até hoje nos meus guardados.

MMNAM: Ham!

ALBI: Eram 18 candidatos por vaga!

MMNAM: É!

ALBI: Para fazer o Técnico em Administração, na Etec.

MMNAM: Era, era bem concorrido!

ALBI: Era mais do que a concorrência do vestibular da faculdade, em Franca.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né! De tão concorrido que era e, eu via isso como um desafio, porque assim, se tanta gente que, é porque deve ser muito bom e eu tenho que ser bom pra entrar nesse lugar, né? E, aí eu me lancei, fiz o Vestibulinho, passei no Vestibulinho, fiquei tão feliz, cês não tem ideia de como foi isso dentro da minha casa, a comemoração que foi!

MMNAM: Ahm!

ALBI: Porque, foi uma vitória!

MMNAM: Claro, claro!

ALBI: Né! Foi uma vitória e, aí fui e comecei a estudar, juro que quando eu comecei, eu ainda ficava na dúvida se ia conseguir acompanhar, porque o nível de exigência da escola, era grande!

MMNAM: Aham!

ALBI: Né! Era muito exigente!

MMNAM: Sim!

ALBI: E, aí a gente tem, ainda, aquela história, de escola com nota.

MMNAM: Aham!

ALBI: Mas, aí você já está num outro nível de vida, não é?

MMNAM: É verdade!

ALBI: E, você quer trabalhar, você quer aprender, não é só a nota mas, cê se sente assim, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Eu tenho que dar certo, sabe aquela responsabilidade, do tenho que dar certo?

MMNAM: Sim!

ALBI: Era isso que acontecia comigo, eu tinha que dar certo! E, aí lá eu encontrei, assim pessoas que mais do que foram exemplo pra mim e me ensinaram, né? Elas me inspiraram!

MMNAM: Certo!

ALBI: Então, pensa que é, aqueles professores pra mim, eles não eram só um exemplo, não eram só pessoas que transmitiam um conhecimento, até porque eu tinha uma facilidade muito grande de estudar, então eu sempre estudei muito sozinha, né?

MMNAM: MM: Certo!

ALBI: Então, eu não sentia no professor a necessidade de alguém que me ensinasse o conteúdo, mas eles foram fundamentais pra mim porque eles foram pessoas que me inspiraram!

MMNAM: Sim!

ALBI: E, isso pra mim é mais importante do que exemplo.

MMNAM: Aham!

ALBI: Porque eles me inspiram a ser o meu melhor, a minha melhor versão!

MMNAM: Sem dúvidas!

ALBI: E, aqueles professores que estavam lá, conseguiram fazer isso comigo, né? Eu tive professores que, inclusive, depois né quando eu tive oportunidade de me tornar docente lá da escola, se tornaram meus colegas de trabalho, olha que riqueza isso!

MMNAM: Verdade!

ALBI: Não é incrível isso?

MMNAM: Verdade!

ALBI: Né! Então, eu tinha lá os professores que eram meus professores e depois se tornaram meus colegas de trabalho. Aquilo foi incrível, né?

MMNAM: É verdade!

ALBI: E, aí eu trouxe aqui, até pra depois mostrar pra vocês, olha só, esse daqui é meu Certificado da Etec.

MMNAM: Ah!

ALBI: Do Técnico em Administração.

MMNAM: Aham! Sim!

ALBI: E, com muito orgulho, isso eu eu posso falar, hein? Gente! Olha só esse é meu Histórico Escolar da Etec.

MMNAM: Ai, ótimo!

ALBI: Tem um único B, só tive um B no curso inteiro.

MMNAM: Olha que beleza, hein Andréia!

ALBI: Todo o restante foi MB, hein? E, pra provar que eu me dedicava, né? Mas, foi muito importante pra mim, não só assim, pelo ingresso numa Instituição que a gente admirava, pelo que isso significava não só pra mim, mas pra minha família, né? E, se não bastasse aí, né? E, aí vem mais, uma, um estímulo do Empreendedorismo Corporativo, que a Etec me trouxe, ao me tornar aluna da Etec. Então, eu entrei na Etec, em julho, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: É, no começo do semestre, ali no segundo semestre e, aí surgiu uma oportunidade é o CIEE que é a empresa onde eu estou até hoje, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Ia inaugura a primeira Unidade Regional em Franca.

MMNAM: Isso!

ALBI: Porque não existia aqui no interior, né? Era coisa da capital isso.

MMNAM: É!

ALBI: E, aí a professora Jane, na época era minha professora lá falou: que ia ter uma entrevista de processo seletivo pra essa ONG que ia inaugurar em Franca.

MMNAM: Sim!

ALBI: E, aí fomos eu e outros 15 alunos da sala participamos de uma entrevista e entrevista é em alto nível, né? Então, veio o Auditor da Instituição, nós fizemos dinâmica de grupo, entrevista, teste, então foi assim, isso era estágio, tá? Era uma vaga de estágio, mas extremamente exigente e, aí eu participei dessa entrevista, né? Por indicação da Etec, então a Etec, me possibilitou esse caminho e fiz a entrevista lá no CIEE, fui contratada em

outubro daquele mesmo ano, no processo seletivo e, aí eu entrei no CIEE, aqui ó com o meu Termo de Compromisso de Estágio, olha só gente, esse é meu Contrato de Estágio, 02 de outubro de 2000.

MMNAM: Que beleza!

ALBI: Na época, a Diretora da Etec era a Magda.

MMNAM: Era a Magda, é!

ALBI: Era a Magda! Entrei na Etec, depois consegui a minha vaga de estágio no CIEE, permaneci como estagiária no CIEE por um ano.

MMNAM: Aham!

ALBI: Né! Então, ainda era aluna da Etec, eu fui efetivada no CIEE como funcionária, né? Recebi aí minha efetivação, aí me tornei Auxiliar de Escritório, na época, se chamava assim lá, né? Então, a Etec me proporcionou, inclusive, a primeira oportunidade de entrar no mercado de trabalho e no curso que eu fazia na Etec, na mesma área, pensa que.

MMNAM: É!

ALBI: Que estímulo!

MMNAM: Nossa!

ALBI: Que foi pra mim, duas conquistas nessa proporção né, então eu entrei no Vestibulinho de uma Etec super concorrida, fui selecionada pra uma vaga de estágio, fui efetivada na empresa que eu me tornei estagiária, não é? E, vi essa Instituição da qual eu hoje tenho o maior carinho, né? É crescer e se tornar a Instituição que se tornou hoje, né?

MMNAM: Verdade!

ALBI: Eu falo isso porque, hoje é, é eu completo este ano de 2021, cês viram aí pelas contas, vinte e um anos que eu estou no CIEE, né?

MMNAM: Beleza!

ALBI: Então, hoje eu tenho uma pessoa é, me considero uma pessoa que é, conseguiu construir uma carreira dentro da Instituição e entrei nessa mesma Instituição como uma estagiária do Curso Técnico em Administração, se isso não fo empreender, Mê, eu não sei o que é.

MMNAM: Sem dúvidas, muito bom, muito boa a sua história.

ALBI: E, trago isso com muito carinho porque é, me tornei funcionária do CIEE, né? É ao todo, ao longo desses vinte e um anos eu passei por seis promoções, não é? É, com processos seletivos internos e, a última promoção, não é? Aconteceu há três anos atrás, eu participei de um processo seletivo pra Supervisão Regional do CIEE, que é um processo seletivo, é extremamente rigoroso, do qual participam candidatos de todo o Brasil, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: A Instituição é nacional e aí fui aprovada nesse processo interno e, há três anos eu sou Supervisora Regional da Instituição na qual eu entrei como estagiária, né?

MMNAM: Isso aí!

ALBI: E, concomitante, a essa atividade no CIEE, surgiu uma oportunidade, na época, que o Diretor da Etec, era o professor Mauriel.

MMNAM: Sim!

ALBI: Que chegou a ser meu professor, também.

MMNAM: Aham!

ALBI: E, aí nos nossos relacionamentos em razão das atividades do CIEE, ele me falou que iam abrir um processo de seleção pra professores no eixo de Gestão e Negócios e, se eu não gostaria de me candidatar e, participar desse processo seletivo.

MMNAM: Claro!

ALBI: E, aí ele deu uma outra é mudança sabe, aquela mudança de mindset mesmo.

MMNAM: Sim!

ALBI: Eu senti que eu tinha a possibilidade e disse isso, inclusive, na primeira reunião de professores que eu participei, de retribuir uma parte de tudo que a Etec me proporcionou na vida e, sabe aquela paixão por pessoas que eu falei, lá atrás.

MMNAM: Sim!

ALBI: Mais uma vez eu tive a oportunidade de concretizar isso dentro da sala de aula.

MMNAM: Claro!

ALBI: E, aí eu me tornei professora do eixo de Gestão e Negócios, fiquei na Etec como docente por sete anos.

MMNAM: Sim!

ALBI: Assim como, essas duas histórias aqui que eu mostrei pra vocês, eu ainda guardo a minha carteirinha de professora da Etec, ó.

MMNAM: É verdade!

ALBI: Com muito carinho, porque pra mim tem um significado muito importante, né?

MMNAM: Sem dúvidas!

ALBI: Fiz grandes amigos na Etec, que tenho-os ainda hoje, assim com muito carinho na minha história de vida, é deixei alunos aí com é grandes histórias, hoje os reencontro em empresas que eu atendo, enquanto.

MMNAM: Aham!

ALBI: Sou Supervisora Regional do CIEE que estão contratando outros estagiários.

MMNAM: Sim!

ALBI: É, quando eles me veem, falam professora, meu coração se enche de alegria, né? Porque a gente deixa um legado em cada aluno que a gente teve.

MMNAM: É verdade!

ALBI: E, esse é o sentimento que a gente tem.

MMNAM: É verdade!

ALBI: Então, assim, é tive a oportunidade de ter a Etec na minha história por vários momentos, vejam só, né? Como aluna, como a Instituição que me proporcionou a carreira que eu tenho hoje, porque sem ela eu não teria entrado no CIEE, não é? Como docente, porque tive a oportunidade de vivenciar dentro da Etec o que fizeram por mim, né? Lá, em 2000.

MMNAM: Sim!

ALBI: E, hoje como grande parceira e admiradora do que a Etec representa na nossa comunidade, não é? Então, essa vivência de empreender ela tá em todos os momentos da minha vida, né? Nesses desafios que a gente tem que se lançar e se reinventar, eu falo que é, a gente permanecer numa mesma organização só pode dar certo se a gente se reinventa, não é?

MMNAM: É verdade!

ALBI: Diariamente!

MMNAM: Sem dúvidas, sem dúvidas! Como surgiu a oportunidade de você se tornar empreendedora e, de onde veio o capital para empreender?

ALBI: No caso do CIEE, não é? Esse Empreendedorismo Corporativo, ele surge a partir das oportunidades de seleção que a gente tem dentro da própria Instituição, né? Então, a gente tem a possibilidade de pleitear vagas tanto em nível horizontal quanto vertical em todo o território nacional. O CIEE tem mais de 300 unidades espalhadas em todo o Brasil.

MMNAM: Sim!

ALBI: Em todas elas, é o funcionário ou o colaborador ou o estagiário de cada uma dessas unidades tem a possibilidade aí de participar de processos de seleção, como eu disse a vocês: - entrei como estagiária, né? Mê!

MMNAM: Sim!

ALBI: Participei aí ao todo, durante esses vinte e um anos, foram cinco, seis processos seletivos, sendo o último agora, da Supervisão, né?

MMNAM: Certo!

ALBI: Então, essa foi a primeira oportunidade, é claro que ao longo desse trajeto, né? Que a gente percorre, novas exigências são feitas. Então, entrei lá como estagiária do Técnico, né? Mas, para alguns cargos já não era mais o suficiente.

MMNAM: Claro!

ALBI: Então, eu precisava ter o nível superior, depois a especialização, né? E, assim a gente tem que construindo a carreira. Mas, é uma Instituição que incentiva muito isso, incentiva de que forma, então, quando eu terminei o técnico, eu era estagiária, fui efetivada. Mas, ainda não tinha condições de fazer a faculdade, não é?

MMNAM: Huhum!

ALBI: Então, a Instituição, o próprio CIEE, tem um programa de incentivo à educação e, aí desde o meu primeiro ano de faculdade, o CIEE subsidiou parte da minha faculdade, então é, eu tive do primeiro ao quarto ano da Faculdade de Administração de oitenta a cinquenta por cento de bolsa paga pelo CIEE, então, o CIEE me proporcionou o Ensino Superior também, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: E, à medida que você vai aí é avançando alguns níveis hierárquicos, eles promovem outros tipos de incentivo. Mas, sempre voltado pra essa educação corporativa.

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, hoje na alta gestão a gente tem a nossa Universidade Corporativa, o CIEE tem uma universidade corporativa e a gente vai fazendo os cursos, as especializações e aí, vai ampliando, inclusive esse leque de oportunidades, né?

MMNAM: Certo!

ALBI: É dentro do que a gente faz na Instituição como incentivo, isso não é feito só para os altos cargos. O estagiário hoje, também, tem um incentivo a já participar dessa formação, pensando que, ciclicamente, ele tem oportunidade de processo seletivo interno, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, respondendo aí a outra parte da questão, que é a parte de, de custo, né? Investimento.

MMNAM: Sim!

ALBI: O CIEE enquanto Instituição não governamental, todo o recurso que entra na Instituição ele é subsidiado por empresas que contratam estagiários e aprendizes conosco, então esse recurso entra na Instituição, através dessas parcerias e elas garantem não só a operacionalização do que nós fazemos, não é? Mas, também a manutenção de todos os programas que a gente realiza do corpo de funcionários, então é dessa forma que a gente tem os recursos aí entrando na Instituição e, a gente pode fazer aí esses investimentos no corpo de funcionários, né?

MMNAM: Certo!

ALBI: O CIEE tem como parceiros, empresas privadas.

MMNAM: Sim!

ALBI: Órgãos públicos de todas as esferas, municipal, federal, estadual, não é?

MMNAM: Sim!

ALBI: E, também as empresas de economia mista. Então, a gente tem uma série aí de, de recursos que chegam até à Instituição pra essa manutenção e, aí lembrando que o CIEE como organização não governamental, né? Os mais altos cargos que a gente chama, do nosso nível corporativo e governamental, eles são todos voluntários, então o Superintendente do CIEE é voluntário, não é? Os Conselheiros são voluntários e eles fazem exatamente esse direcionamento aí, da Governança Corporativa, né? Então, estabelecem diretrizes, os planos éticos, valores, missões e, aí todo o corpo de funcionários, que hoje, no CIEE Nacional, chega em torno de 3.500 funcionários, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Seguem essas diretrizes, aqui na equipe de Franca, especificamente, dessa regional eu tenho sobre a minha supervisão aí são 35 funcionários, né?

MMNAM: Certo!

ALBI: E, sob a minha gestão é hoje, cerca de é 3.000 estagiários e cerca de 2.000 mil jovens como aprendizes.

MMNAM: Muito bom, ótimo!

ALBI: Então, acho que, acho que eu concretizei meu propósito, estou rodeada de pessoas né?

MMNAM: Sem dúvida, nossa muito bom! Você teve dificuldades para definir o ramo de negócio e houve parcerias para ampliar o negócio?

ALBI: Com certeza, pense que, por exemplo, o a Instituição CIEE né, completa esse ano, 57 anos, se você for fazer uma busca histórica: - a lei de estágio, a primeira lei de estágio ela é mais recente do que a data da fundação do CIEE.

MMNAM: Certo!

ALBI: Ou seja, o CIEE começou a existir antes que a lei de estágio existisse.

MMNAM: Sim!

ALBI: Que é o nosso principal portfólio, de serviço né, que é o estágio. Mas, ao longo desses anos todos, desses 57 anos, a Instituição foi se reinventando então, a gente hoje não oferece, única exclusivamente, o mesmo produto que a gente oferecia lá a 57 anos atrás, então a gente se reinventou de acordo com a demanda de mercado, isso foi muito importante pra torna a Instituição saudável, né? Financeiramente, é dentro das articulações que a gente tem com a sociedade entender qual a necessidade do mercado e oferecer o que o mercado precisava.

MMNAM: Certo!

ALBI: Né! Então, o jovem aprendiz, por exemplo, é uma lei de 2000 que veio depois, então, né? O CIEE tem hoje outros cursos de formação que são desenvolvidos pra inserção desses jovens e, principalmente, pra atendimento aí à comunidade é que a gente chama de público vulnerável, que são aqueles jovens que menos tem acesso à educação e a profissionalização.

MMNAM: Certo!

ALBI: E, o CIEE faz esse intermédio pro mundo do trabalho, né? Então, ser diferente de uma Instituição de Ensino, que é o caso da Etec, a gente é tá, diretamente, ligada a inclusão das pessoas no mundo do trabalho, né? Fazendo a intermediação dentro desse nicho de mercado que a gente tem e, não só isso, mas até é a reinvenção e a reformulação de muitos dos nossos fluxos.

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, a gente se reinventou várias vezes, eu falo que quando eu entrei no CIEE como estagiária: - a gente usava Fax e Máquina de Datilografia. Hoje, se eu falo pros meus funcionários né, falo assim: - gente é, é alguém sabe usar o fax? Acho que elas não têm ideia do que é o fax.

MMNAM: Não, não sabe, é verdade!

ALBI: Então é assim, hoje a gente tá fazendo essa entrevista, por exemplo, por videoconferência, né?

MMNAM: É, aham!

ALBI: Quem imaginaria que a gente ia tá vivendo essa rotina né.

MMNAM: É verdade!

ALBI: Mas, é uma realidade.

MMNAM: É!

ALBI: Então assim, a gente precisou se reinventar e se readaptar inúmeras vezes.

MMNAM: Sim!

ALBI: É claro que é assim, é o CIEE tem uma, uma vertente um know how de tecnologia muito grande, então ele me proporcionou aprender muitas coisas que se eu não estivesse no mercado de trabalho, dentro do CIEE, talvez eu não conheceria.

MMNAM: Certo!

ALBI: Né! Então, antes mesmo dessa situação da pandemia, já era usual no CIEE, por exemplo, a gente fazer reunião por videoconferência, então veja, que os impactos, por exemplo, que outras pessoas tanto sofrem, hoje, pra gente existiu é claro. Mas, não foi na mesma proporção, porque já era uma coisa que a gente já tinha o hábito de usar, né? Então, é se reinventar em várias esferas foi importantíssimo dentro do que a gente pensa aí, dentro do mundo corporativo, né? Então, a gente também foi empreendendo em outras

áreas, com outros comportamentos, outras tecnologias, pra atender a necessidade que o mercado trazia pra gente.

MMNAM: Muito bom! É, você poderia nos contar como foi esse processo de empreendedorismo no seu negócio, desde o início até atingir as suas expectativas?

ALBI: Bom, primeiro eu vou começar de trás pra frente, as expectativas ainda não foram atingidas viu?

MMNAM: Certo!

ALBI: A gente, ainda, tem muito pra desenvolver e falo isso porque a gente, inclusive, tem feito durante essa pandemia aí, uma atualização grandiosa de sistema, o CIEE ainda tinha, até o início da pandemia, por exemplo, um grande volume de documentos físicos.

MMNAM: Sei!

ALBI: E, isso sempre foi uma dificuldade pro volume de trabalho que a gente tinha, então, imagina que, por exemplo, a parte de arquivo pra nós dentro do escritório era algo descomunal, ao invés de utilizar a sala pra treinamento eu tinha uma sala pra arquivo de tanto documento que tinha, né? Então, a gente tinha lá 500, 600 caixas de arquivo, só em Franca, imagina na proporção nacional do CIEE.

MMNAM: É!

ALBI: E, aí a gente precisou e precisa, ainda, se reinventar de várias formas. Hoje, a gente usa os meios eletrônicos de forma muito mais natural, então, hoje as assinaturas dos documentos são todas eletrônicas, não é?

MMNAM: Huhum!

ALBI: São todas digitais, eu não tenho mais, que por exemplo, que a equipe me espere pra despachar algum documento no escritório, elas me passam direto via sistema e, eu passo tudo de forma eletrônica, né? Então, eu consigo gerir toda a minha equipe, através simplesmente, de um aparelho de celular ou do notebook que a gente tá se falando aqui.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né! Então, a gente é teve um crescimento, um fluxo muito grande, então, dentro desse trajeto, brinquei com você há pouco né, a gente usava fax e máquina de escrever.

MMNAM: É!

ALBI: Hoje, raras vezes, você vai chegar lá no escritório, você vai ver é folha de documento na minha mesa, porque tá tudo eletrônico.

MMNAM: Sim!

ALBI: Os arquivos estão na nuvem, né? Então, essa reinvenção ela aconteceu de forma muito clara, principalmente, pra mim que acompanhou aí desde o início da Instituição na cidade, né? Há 21 anos atrás até hoje.

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, a mudança pra mim foi muito significativa, antes a gente tinha escritórios é grande, né? Uma equipe muito grande, hoje eu tenho uma equipe muito mais pulverizada, então eu tenho equipe em outras cidades aqui da região, que trabalham conectadas com a gente, não é?

MMNAM: Sim!

ALBI: Os próprios jovens e adolescentes, também. Então, acho que a parte mais significativa de toda essa mudança ao longo dos anos foi o perfil do profissional que trabalha na Instituição e do alto investimento em tecnologia, então isso, foram duas grandes influências pra esse trajeto, então a mudança desse perfil do colaborador mudou muito, né? E, a implementação tecnológica de todos os fluxos e processos.

MMNAM: Certo!

ALBI: Então, se a gente voltasse na história e pensasse lá quando eu entrei como estagiária, né? O perfil das pessoas que entravam na Instituição ele é muito diferente do perfil da pessoa que entra hoje, porque o time dessas mudanças acelerou muita coisa e o alto investimento em tecnologia foi essencial, essencial pra sobrevivência da Instituição aí nesses anos que a gente passou.

MMNAM: Muito bom! É, você poderia nos contar sobre as atividades sociais de inclusão e, o oferecimento de estágios aos nossos alunos?

ALBI: Claro, o CIEE hoje é, hoje não, já faz, acredito que 5 anos, se eu não estiver equivocada, que o CIEE tem um departamento exclusivo, que a gente chama de Incluir CIEE.

MMNAM: Sim!

ALBI: Incluir CIEE é um departamento dentro do CIEE Nacional que cuida de projetos de inclusão na sua totalidade, quando eu falei em inclusão não falo só da pessoa com deficiência, mas a gente tá falando de raça, a gente tá falando de gerações, a gente tá falando de empoderamento feminino e das minorias.

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, a inclusão de forma ampla e total, tá? Então hoje, o CIEE tem não só isso dentro da própria Instituição, então hoje, as pessoas veem com muita naturalidade dentro do CIEE essa diversidade.

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, a gente se considera uma organização diversa em todos esses aspectos e incentiva todos os nossos parceiros a comungarem dessa mesma partilha.

MMNAM: Sem dúvidas!

ALBI: Então é, a gente tem um departamento inteiro é, especificamente, pra isso. Mas, é muito mais pra sensibilizar as ações, né? Levar conhecimento pras pessoas, pra que a gente tenha esse convívio muito natural, então, todos os recursos do CIEE são adaptados pra toda e qualquer necessidade.

MMNAM: Certo!

ALBI: Seja ela qual for, então, quando eu falo, por exemplo, de deficiência, eu tô falando de todas as deficiências, não é?

MMNAM: Sim!

ALBI: Até porque, a gente enxerga a pessoa e não a deficiência.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né! Então, eu tô enxergando a pessoa que tá do outro lado, não a deficiência dela, é quando eu falo em gerações, porque o CIEE é uma Instituição de 57 anos, mas que tem várias lideranças jovens, né? Então, entre os Supervisores do CIEE mesmo, por exemplo, eu com 41 anos, sou uma das lideranças mais jovens da nossa Instituição, né?

MMNAM: Claro!

ALBI: Então hoje, eu lidero pessoas que são mais velhas do que eu mesma, né?

MMNAM: Certo!

ALBI: Então, esse relacionamento geracional, também pra gente é importante e, modernizando, inclusive, as nossas ações, então antes no CIEE a gente tinha cultos, exclusivamente é, de uma única religião, hoje a gente tem cultos ecumênicos pra que todos participem.

MMNAM: Sim!

ALBI: Né, a gente tem um grupo de Voluntariado Organizacional, então, não é só uma ação específica uma vez no ano, a gente tem uma equipe voluntariado que estimula e incentiva práticas de voluntariado entre os colaboradores e para a comunidade, isso pra gente é muito importante, não é?

MMNAM: Certo!

ALBI: E, estabelecer essa conexão com a comunidade, por exemplo, no caso da Instituição de Ensino, então, quando o CIEE faz uma parceria com a Etec pra que os alunos da Etec, consigam através do CIEE, serem inseridos no mercado de trabalho, né? A gente tem a possibilidade de devolver ao mercado, o quê? Profissionais cada vez mais qualificados, porque eles são estudantes de uma escola que tem esse poder de qualificação e a gente gera aí um ciclo muito positivo, porque esse aluno mais tarde, como eu disse agora, né? É o aluno que também vai oferecer uma vaga de estágio, né?

MMNAM: Certo!

ALBI: Então, quando ele é, é inserido nesse mercado de trabalho, ele possibilita também, que outros tenham acesso a esse mercado de trabalho e essa possibilidade de inserção, isso pra gente, é muito rico e muito produtivo. Então, ciclicamente, a gente tem alguns cursos que tem maior volume de vagas de estágio, outros menos, mas que é numa busca aí do mercado a gente sempre levando pra Etec as oportunidades que são abertas pro encaminhamento destes jovens, pra que eles tenham a mesma possibilidade que eu, por exemplo, um dia tive lá atrás, né?

MMNAM: Certo!

ALBI: Além, dessa parceria com as Instituições de Ensino, o CIEE promove parcerias com Entidades de Classe, não é? Pra que elas também enxerguem o jovem e o estudante, por exemplo, como uma possibilidade de formação dos seus novos talentos, então toda essa articulação do CIEE com Instituições de Ensino, Empresas, Entidades de Classe e Comunidade de forma geral, não é? Ela é extremamente importante, razão pela qual o CIEE tem vários escritórios espalhados em todo o Brasil, pra facilitar o acesso dessas pessoas, que muitas vezes, a gente sabe que a educação ela é algo necessário, mas ela não chega na totalidade das pessoas que mais precisam, né? Então, é nosso dever a gente fazer isso também.

MMNAM: Certo! É, que características ou qualidades pessoais você acredita ter, que a levaram a te, a se tornar uma empreendedora?

ALBI: A primeira delas é, a que eu acho que foi decisiva: comunicação!

MMNAM: Sim!

ALBI: Comunicação é, é uma habilidade é, que eu acredito, que é, foi fundamental pra minha ascensão como pessoa e profissional, é saber me expressar, foi fundamental pra que portas novas se abrissem pra mim e, entendo que pra todo empreendedor, também, e, aí eu vou fazer um paralelo com a história de vida que os meus pais, também, tiveram. Então, imagina que eles vieram da zona rural, sem conhece ninguém na cidade, sem nenhum elo de ligação afetivo aqui, não é?

MMNAM: Huhum!

ALBI: Se eles não tivessem se lançado e tivessem aí uma boa comunicação pra articula, pra conhece, eles talvez não conseguiriam, não é? É, nos proporciona o que conseguiram fazer lá na minha infância, né? Então, acho que comunicação ponto um, fundamental pra quem vai empreender, seja fora, seja no Empreendedorismo Corporativo. Eu acho que isso é muito fruto desse estímulo, da leitura, do ensino, não é?

MMNAM: Sim!

ALBI: A comunicação é um exercício, diário, quanto mais a gente se comunica, melhor a gente vai acabar se comunicando, quanto mais a gente lê melhor a gente vai lê e escreve, né?

MMNAM: É verdade!

ALBI: Então, eu acho que esse estímulo é, extremamente, importante. Outra característica que eu acho que é importante, além da documenta, da comunicação, não é? É esse, é essa essência de ousar.

MMNAM: Sim!

ALBI: Se lançar aos desafios.

MMNAM: Huhum!

ALBI: Quem empreende corre risco, pode ser calculado, não tô falando que vai fazer loucura, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Mas, é um risco calculado, mas arrisca, porque se a gente fica sempre na zona de conforto, a gente vai sempre ter mais do mesmo.

MMNAM: Certo!

ALBI: Então, eu não vou participar dum processo porque eu acho que não posso, que eu posso não ser aprovado, a eu não vou trocar de emprego, porque aqui tá mais seguro, já tenho salário garantido, então esse ousar pra quem empreende é fundamental, seja ele no empreendedorismo de mercado ou corporativo. É preciso te ousadia, né? É preciso arriscar!

MMNAM: É verdade! De que forma o Ensino Técnico ou Tecnológico contribuiu para adquirir competências profissionais e habilidades gerenciais (gestão administrativa e de pessoas) para o sucesso de seu empreende, empreendimento?

ALBI: Quando eu fiz a Etec, né? É, assim que eu terminei a Etec, eu falei pra vocês que fui efetivada e fui fazer é, Ensino Superior, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: E, aí é, eu me formei numa faculdade, aqui municipal, né? Ela se chama Centro Universitário UNI-FACEF.

MMNAM: Huhum!

ALBI: Quando eu entrei lá, não era Centro Universitário, ainda, era só a Faculdade Municipal.

MMNAM: Aham!

ALBI: Que a gente não tinha tantos cursos, não é?

MMNAM: Sim!

ALBI: E, lá a gente falava o seguinte, tem um funcionário da Etec, que é o seu Geraldo.

MMNAM: Aham!

ALBI: E, é sempre falava muito com os alunos, né? E, aí quando eu entrei na faculdade, voltei na Etec, pra contar pra ele que eu tinha passado na faculdade e, aí eu falava com ele o seguinte: seu Geraldo lá na FACEF, que é a faculdade, tem o, o primeiro I.

MMNAM: Ham!

ALBI: Ele falou, como assim, primeiro I, não tem só, uma sala de Administração, eu falei, tem seu Geraldo, uma sala só, mas a gente chama de primeiro I, porque é I de Industrial, todo mundo que estudo comigo, desceu pra lá e, foi fazer a faculdade, então, a gente chama de primeiro I.

MMNAM: Aham!

ALBI: I de Industrial!

MMNAM: Sim!

ALBI: E, lá eu descobri uma coisa importante que tem relação com a sua pergunta.

MMNAM: Ham!

ALBI: É, nos dois primeiros anos do Ensino Superior, a sensação que eu tinha ao estar na faculdade, era que tudo que estava sendo ensinado, eu já sabia!

MMNAM: Ah, sim!

ALBI: Porque a bagagem que o Curso Técnico me deu, foi extremamente prática!

MMNAM: Certo!

ALBI: Eu saí do Curso Técnico, pronta pro mercado de trabalho!

MMNAM: Huhum!

ALBI: Então é, o que me possibilitou, por exemplo, a efetivação no CIEE, a promoção logo em seguida, não é? Eu sabia fazer!

MMNAM: Certo!

ALBI: O que no Nível Superior, a gente não tem a possibilidade de aplicação prática, como a gente tem no Curso Técnico e, isso foi fundamental, fundamental não só pra minha carreira profissional, mas também, pra que eu estivesse na faculdade e visse que tudo aquilo que eu estava lá vivenciando na teoria, muitas vezes, só de forma teórica mesmo, eu tinha uma aplicabilidade que eu já tinha trazido do Curso Técnico, eu já sabia porque estava aprendendo aquilo, porque eu já sabia onde eu ia usar aquilo na prática.

MMNAM: Certo!

ALBI: Então, eu falo que o Curso Técnico, te dá uma possibilidade de é, desenvolve a habilidade é, que sai da esfera dos livros, você pratica aquilo que você tá aprendendo, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Coisa que o Ensino Superior não tem essa característica, não to falando que é certo ou errado, mesmo porque, não tem essa característica.

MMNAM: Claro!

ALBI: Então, o Curso Técnico te dá essa possibilidade clara, palpável e concreta de praticar o que se aprende, que é o que o mercado pede.

MMNAM: É verdade!

ALBI: O mercado não que sabe o quanto eu estudei, ele que sabe se eu sei fazer!

MMNAM: É, exatamente!

ALBI: Ele não que sabe quantos livros eu li, que sabe se eu entendo o que eu to ali fazendo, executando, né? Então, o Curso Técnico te traz essa possibilidade clara de prática, real, no dia a dia do mercado de trabalho, isso foi fundamental!

MMNAM: Ótimo! Você se recorda de alguns professores que foram marcantes na sua formação técnica? Se sim, conte suas lembranças sobre eles nessa fase de vida estudantil?

ALBI: Ai, é tão bom ter boas lembranças! A gente fala, passa um filme na cabeça, né?

MMNAM: É!

ALBI: Eu, ainda, tive a possibilidade, ainda, como eu disse, anteriormente, de me torna colega de trabalho de vários desses professores, que foram inspiração pra mim, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, eu tive como professora, é a professora Ida Elisabete Trídico.

MMNAM: Ah, sim!

ALBI: Ela foi minha professora da sala de aula, ela inclusive, desenvolvia conteúdos muito voltados pra minha área de atuação, hoje, então assim, se torno uma paixão pra minha vida, né?

MMNAM: É!

ALBI: Eu tive a oportunidade de, de ter como professora, a professora Marta Pereira, que também.

MMNAM: Aham!

ALBI: Depois tive a oportunidade de conviver com ela, não só na Etec, mas na UNIFRAN, que é uma outra Universidade, onde ela também dá aula, eu também tive, a oportunidade de fazer alguns trabalhos, né?

MMNAM: Certo!

ALBI: Eu tive como professor, é que, ainda não, não é mais professor, o único B gente que eu tive no Histórico Escolar foi de Direito, cês acredita nisso, de Direito e, aí quando eu entrei na Etec como docente, o professor ainda estava lá, se lembra, Mê!

MMNAM: Lembro!

ALBI: E, aí eu falei, professor não acredito que o único B da minha vida, que eu tenho, foi o senhor que me deu, aí ele falou: - não foi eu que dei, você que tirou. Eu falei, toma, né? Mas, assim são lembranças muito, mas muito positivas e, muito, muito assim, tenho muitas saudades daqueles momentos que eu vivi. Hoje, tenho vários companheiros de área de, de atuação que são, também, ex-alunos da Etec, né?

MMNAM: É!

ALBI: Então, eles fazem parte da história é, tem o professor Eduardo Moscardini, que foi meu colega de sala na Etec, depois foi, meu colega de sala na faculdade, depois também, se torno professor do Centro Paula Souza.

MMNAM: É verdade!

ALBI: Né! É, então assim, tem várias memórias e lembranças muito positivas e foram pessoas que influenciaram, diretamente, na minha escolha profissional, na minha carreira, no meu desenvolvimento. Então, lembro com eles com muito saudosismo, mas não só eles, tá? Tem vários outros professores, também, ó tive a professora Marlene, que ela também, foi minha professora.

MMNAM: Sim, aham!

ALBI: Ela também foi minha professora e, depois minha colega de trabalho, aí também.

MMNAM: É!

ALBI: Então assim é, várias pessoas e vários professores que, ainda, continuam na Etec. Aqueles que não são mais, o professor Airton, era meu professor também, depois foi é, Diretor aí da Etec, né? Ele também, foi meu professor, lembro das aulas dele como ninguém, pensa num professor rígido, gente, forjo, forjo a profissional que sou hoje, viu? Muito bom, mas é, são sempre muito boas lembranças.

MMNAM: É, né?

ALBI: E, digo que assim, não só o conhecimento que eu tive oportunidade de adquirir com ele, porque eu acho que a gente não esquece o que a gente aprendeu, né, mas é o que eu falei: - eles foram inspirações pra minha vida profissional, mais do que qualquer conhecimento, eles me inspiraram a ser a profissional que eu sou, hoje, também.

MMNAM: Sem dúvidas! O que você considera que deveria ter sido oferecido na Educação Profissional que faltou na sua formação e vivência, enquanto empreendedora?

ALBI: Não, não diria que faltou, hoje eu tenho essa visão, que poderia ter sido desenvolvido de outra forma, mas eu não sei, se naquele momento, se isso era possível, também fazer, né?

MMNAM: Sim!

ALBI: Mas, eu acho que essa interlocução direta com, com o mercado de trabalho, enquanto, a gente é estudante, não só no estágio, mas trazer, por exemplo é, executivos, empresários, pessoas que são, nossos possíveis contratantes, pra que eles nos dissessem: olha tô precisando disso, investe nisso, faz um curso disso, lê mais isso, esse, talvez, esse despertar, essa escuta, vamos chamar de escuta, essa escuta do mercado, né? Então, mercado: o que que você precisa, né? E, a gente incorpora isso no nosso plano de ensino, eu acho que a gente, ainda, tem uma dificuldade no Ensino Tecnológico, que são as grades curriculares, elas levam muito tempo pra serem atualizadas.

MMNAM: É!

ALBI: E, o mercado, hoje, ele é muito mais rápido do que a atualização da grade pode acontecer. Então é, existe a necessidade, às vezes, de um conhecimento, que na Instituição a gente vai conseguir modificar depois de um, dois anos. Mas aí, o aluno já

terminou, porque o Curso Técnico é muito rápido, né? Então, às vezes, ele não vai ter a oportunidade de vivenciar a atualização da grade, essa atualização dos componentes curriculares. Então, acho que essas revisões dos componentes curriculares, elas poderiam ser feitas de forma mais periódicas, com maior frequência, que o mercado tá pedindo uma atualização, cada vez mais rápida e, às vezes, a gente leva muito tempo pra atualizar os conteúdos. Acho que seria bem legal e importante.

MMNAM: Certo! As relações com políticas locais contribuem para desenvolver o sucesso do seu empreendimento?

ALBI: Com certeza, principalmente, pensando na esfera do que o CIEE trabalha, não é? O CIEE, é vários dos nossos trabalhos, são desenvolvidos, principalmente, em parceria com os Órgãos Públicos, né? Eles é, esbarram ou sempre aí tem correlação com algumas Políticas Públicas.

MMNAM: Sim!

ALBI: Então, a gente precisa, constantemente, se atualizar, né? Constantemente, a gente tem que buscar as adequações necessárias, em razão dessas é, atualizações que acontecem, de mercado mesmo, que é natural, né? Então, a gente precisa, constantemente, tá buscando esse subsídio legal, um arcabouço que nos assegure, nos dê segurança, também em nossas atividades e no nosso trabalho, não é? O CIEE, enquanto, Organização não Governamental, a gente não tem fim lucrativo, né? Então, a gente tem fins econômicos, mas não são lucrativos, então, a gente precisa tá muito antenado a todas essas atualizações e, aí o contato com as entidades e entes públicos é, extremamente importante, pra gente se atualizar, exatamente, nesse ponto, no que se pode ser feito, de que forma. Hoje, a gente vive uma revolução é, dentro do CIEE em dois aspectos, né? Que é, a é o compliance, né? Que hoje, é algo muito citado, mencionado e, também a LGPD, que é a Lei Geral de Proteção de Dados, não é? Então, a gente também tem que se atualizar no mesmo ritmo que o mercado espera, pra que a nossa Instituição seja e atinja o seu objetivo, que será a maior e melhor Instituição de inserção de jovens no mercado de trabalho.

MMNAM: Muito bom! Para finalizar, você gostaria de pontuar algo a mais que eu não perguntei?

ALBI: Nossa! Gratidão cabe? Primeiro, agradecer como comecei, vou terminar, se você tiver vendo esse vídeo, eu nem sei como é a veiculação, viu Mê, mas eu queria, quem ouvir tudo o que a gente conversou aqui, pense só uma coisa, que foi feito por mim, através dessa Instituição e, das pessoas que aí trabalham, é a possibilidade de mudar a vida e o mundo de muitas pessoas. Quando você tiver aí na Etec, trabalhando seja em que função for, seja fazendo o que for, pense que o seu trabalho traz um impacto que pode mudar e transformar a vida das pessoas. Então, é nunca hesite, nunca deixe de fazer algo, pensando: - será que vale a pena? Vale a pena! Vale muito a pena! Porque na hora que você sabe e olha pra trás e vê o que você provocou na vida do outro, é incrível! Não tem outro nome. É incrível, viu? Muito obrigada! Gratidão a cada um de vocês, que fizeram e fazem parte da minha vida.

MMNAM: Imagina, Andréia. Foi uma honra, tê-la aqui, hoje nessa tarde, é a sua história de vida é sensacional e, eu agradeço muito o seu tempo que eu sei que você é atribulada, tem uma vida corrida. Eu agradeço muito, esse momento que passamos juntas aqui. Muito obrigada, viu?

ALBI: Eu que agradeço, Mê! Obrigada por fazer parte da minha vida, viu? Você sabe que eu tenho admiração profunda por você!

MMNAM: Muito obrigada, Andréia! Você sabe que eu tenho o mesmo tempo de Etec que você no CIEE, porque foi em 2000 que abriu o Curso Secretariado e, eu ingressei em fevereiro e, você logo no segundo semestre. Então, temos 21 anos.

ALBI: Olha aí, nós somos, quase, pratos da casa, Mê!

MMNAM: É, é verdade! Muito obrigada, viu Andréia!

ALBI: Obrigada, você, muito obrigada, um beijo!

MMNAM: Um beijo, pra você também!

Descritores:

História oral na educação

Empreendedorismo

Centro Universitário UNI-FACEF

Empreendedora Corporativa

Etec Dr. Júlio Cardoso

Estagiário

ONG Centro de Integração Empresa - Escola CIEE.

Técnico em Administração

Curso de Secretariado

Andréia Luzia Bernardes Inocêncio

Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Cooperativa Agrícola

Dados Biográficos da Entrevistada



Andréia Luzia Bernardes Inocêncio – Nasceu em 13 de dezembro de 1979, em Franca/ SP, completou o Ensino Fundamental I e II na EE Ângelo Gosuen, o Ensino Médio na EE

Torquato Caleiro. É Especialista em Carreira, formada pelo Centro Universitário UNI-FACEF, Bacharel em Administração de Empresas. Possui mais de 20 anos de experiência, tendo sua trajetória consolidada na ONG Centro de Integração Empresa - Escola CIEE. Trabalha na liderança regional desta mesma organização, desenvolvendo equipes e estratégias com foco na inclusão de jovens como estagiários e aprendizes no mercado de Trabalho. Foi aluna da Etec Dr. Júlio Cardoso, no ano de 2.000, docente nesta mesma Unidade Escolar, no eixo Gestão e Negócios, de 2.010 à 2017. Membro integrante do Colegiado do Fórum de Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente na cidade de Franca.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro - É formada no curso Superior em Secretariado Executivo Bilingue, pela Faculdade Anhembí Morumbi, hoje Universidade Anhembí Morumbi (1988), em São Paulo/SP. Em 2000, ingressou na Etec Dr. Júlio Cardoso, Franca/SP, como docente, pois iniciou o Técnico em Secretariado, portanto, são 21 (vinte e um) anos ministrando aulas na Área de Gestão e Negócios. Em 2008, concluiu a Licenciatura em Secretariado – Esquema I, oferecida pelo Centro Paula Souza, realizada na Unidade Escolar 078, a qual pertence. Em 2016, concluiu a Pós-Graduação (Lato Sensu), Especialização em “Secretariado Executivo: Assessoria Empresarial e Educacional”, na Área de Concentração de Ciências Sociais, Negócios e Direito, com carga horária total de 360 horas, no Centro Universitário Claretiano, em Batatais/SP.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Andréia Luzia Bernardes Inocênciao

Termo de Autorização para uso de Imagem de Andréia Luzia Bernardes Inocênciao